

MERCADO DE TRABALHO

Desempenho recente do mercado de trabalho e perspectivas

Sumário

Os principais indicadores recentes de emprego no país demonstram que a trajetória de retomada do mercado de trabalho brasileiro vem se consolidando, refletindo, sobretudo, a forte expansão da população ocupada e seus efeitos sobre a redução do desemprego. Em janeiro, após a mensalização¹ das séries trimestrais extraídas da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), observa-se que o contingente de ocupados no país somava 94,1 milhões de trabalhadores, já retornando ao patamar verificado no período pré-pandemia – 94,5 milhões em janeiro de 2020. Na comparação com o mesmo período de 2021, a população ocupada registra alta de 8,1%, tornando-se o principal fator responsável pela queda de 3,3 pontos percentuais (p.p.) da taxa de desocupação, que recuou de 14,7% em janeiro de 2021 para 11,4% em janeiro deste ano. Nota-se, ainda, que, na série livre de sazonalidade, a taxa de desocupação de 11,2%, em janeiro, alcançou o menor patamar registrado desde abril de 2016.

A partir da análise dos microdados da PNAD Contínua, observa-se que essa expansão da ocupação vem ocorrendo de forma generalizada, atingindo todos os segmentos etários e educacionais, além de praticamente todos os setores da economia. No entanto, no quarto trimestre de 2021, o crescimento da população ocupada foi mais intenso entre os trabalhadores mais jovens e aqueles com ensino fundamental. Por certo, na comparação interanual, a ocupação entre os jovens avançou 16,8% no período, sendo o principal fator explicativo pela melhora no comportamento da taxa de desocupação deste segmento, que recuou de 29%, em 2020, para 22,8%, em 2021. De modo semelhante, o contingente de ocupados com ensino fundamental incompleto apontou crescimento de 16,2%, possibilitando uma queda de 5,1 p.p. da taxa de desocupação – que passou de 23,5% para 18,4%, no período em questão. Já a abertura setorial revela que, à exceção da administração pública com queda de 2,4%, na comparação interanual, todos os demais setores registraram crescimento da ocupação, no último trimestre de 2021, com destaque especial para os serviços de alojamento e alimentação (23,9%), serviços domésticos (21,7%), pessoais (14,7%) e construção civil (17,4%).

Assim como vem ocorrendo com a ocupação, a melhora dos indicadores de subocupação e desalento ratificam este cenário de recuperação do emprego no país. Em janeiro, o montante de pessoas que se declararam subocupadas foi de 6,5 milhões, ou seja, 6,9% do total da ocupação, o que vem a ser a menor parcela desde o início da retomada do mercado de trabalho, a partir do segundo semestre de 2021. Em

Maria Andréia Parente Lameiras

Técnica de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

maria-andreia.lameira@ipea.gov.br

Carlos Henrique Corseuil

Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea

carlos.corseuil@ipea.gov.br

Lauro Ramos

Técnico de planejamento e pesquisa na Disoc/Ipea

lauro.ramos@ipea.gov.br

Felipe Mendonça Russo

Assistente de pesquisa na Disoc/Ipea

felipe.russo@ipea.gov.br

Divulgado em 28 de março de 2022.

1. As séries mensalizadas foram obtidas a partir da metodologia desenvolvida por Hecksher (2020).

relação ao desalento, os dados mostram que, embora ainda elevado, o conjunto de desalentados no país somava aproximadamente 4,7 milhões em janeiro de 2022, ou seja, 8,3% menor que o apontado no mesmo período do ano anterior (5,8 milhões). Logo, a taxa de desalentados no país – medida pela proporção de desalentados em relação à população fora da força de trabalho – recuou de 5,6% em janeiro de 2021 para 4,5% em janeiro de 2022.

Deve-se ressaltar, no entanto, que apesar dos dados recentes retratarem um cenário mais favorável, o mercado de trabalho brasileiro ainda apresenta uma série de desafios a serem superados. Em que pese a melhora da desocupação, em janeiro, o país ainda possuía um contingente de 12,1 milhões de desempregados, dos quais mais de 30% estão nesta situação há mais de dois anos. De modo semelhante, mesmo diante de uma recuperação mais forte do emprego formal, a maior parte das novas vagas ainda está sendo gerada nos segmentos informais da economia. No último trimestre móvel, encerrado em janeiro de 2022, segundo a PNAD Contínua, enquanto o montante de trabalhadores com carteira avançou 9,3%, na comparação interanual, os contingentes de ocupados sem carteira e por conta própria se expandiram 19,8% e 10,3%, respectivamente.

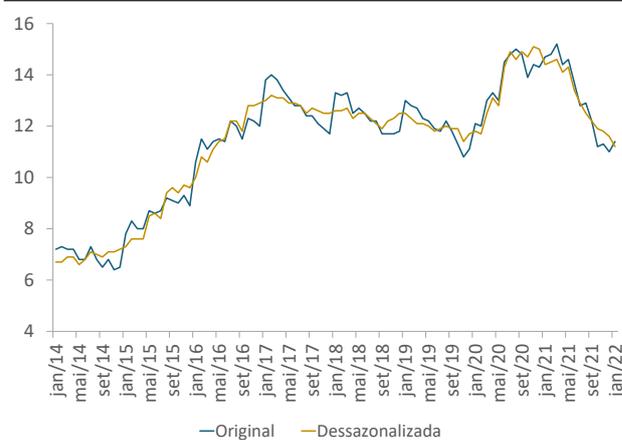
Para o restante do ano, embora se mantenha a expectativa de continuidade desse processo de recuperação do mercado de trabalho, o ritmo desta retomada deve arrefecer, tendo em vista a perspectiva de um crescimento menos acentuado da ocupação em 2022, refletindo um desempenho mais moderado da atividade econômica.

1 Aspectos gerais

De acordo com os dados mais recentes, a trajetória de recuperação do mercado de trabalho brasileiro vem se consolidando ao longo dos últimos meses, de modo que, embora ainda elevada, a taxa de desocupação já se encontra em níveis observados no período pré-pandemia. Em janeiro, após a mensalização das séries trimestrais extraídas da PNAD Contínua, a taxa de desocupação dessazonalizada ficou em 11,2%, atingindo o menor patamar registrado desde abril de 2016 (gráfico 1).

Essa trajetória de desaceleração da taxa de desocupação é reflexo da recuperação da população ocupada, cujo contingente, em janeiro, somava 94,1 milhões de trabalhadores, já retornando ao patamar verificado no período pré-pandemia – 94,5 milhões em janeiro de 2020. Na comparação com o mesmo período de 2021, a população ocupada registra alta de 8,1%. Já na série livre de sazonalidade, o total de ocupados no país chegou a 93,4 milhões de trabalhadores, em janeiro de 2022 (gráfico 2). Nota-se ainda que, em janeiro, o efeito positivo do bom desempenho da ocupação sobre a redução do desemprego foi potencializado pela melhora no comportamento da taxa de participação,² refletindo um crescimento mais ameno da força de trabalho. Em janeiro, mês em que o país enfrentava a forte onda da variante ômicron da pandemia de covid-19, a força de trabalho no país era composta por 105,2 milhões de pessoas, ou seja, 2,0% menor que o contingente observado no mês imediatamente anterior (gráfico 3) – dados com ajuste sazonal. Como consequência, a taxa de participação recuou de 62,8%, em dezembro, para 61,5%, em janeiro (gráfico 4).

GRÁFICO 1
Taxa de desocupação: original e dessazonalizada
(Em %)

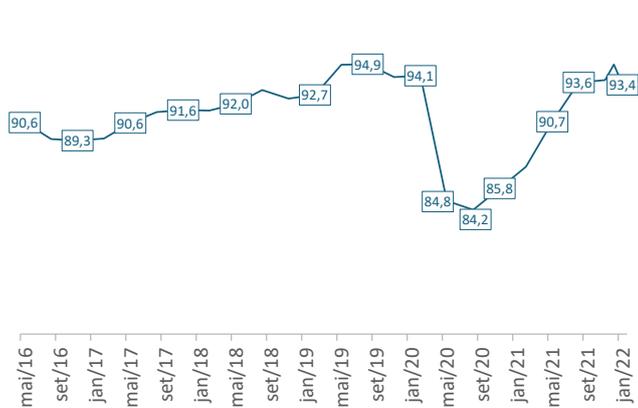


Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.

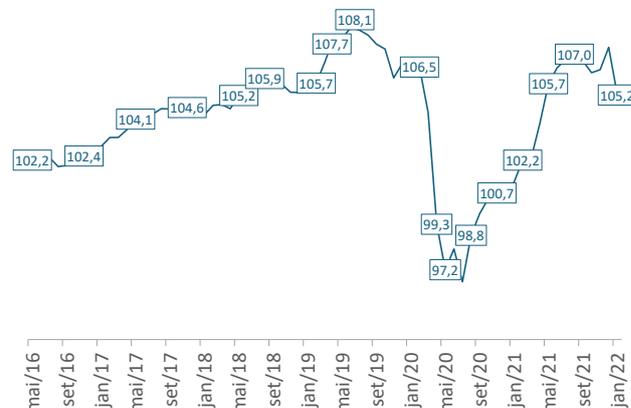
2. Total de pessoas ocupadas ou procurando ocupação (isto é, a população economicamente ativa ou força de trabalho) em relação à população em idade ativa.

GRÁFICO 2
População ocupada: dados dessazonalizados
(Em milhões de pessoas)



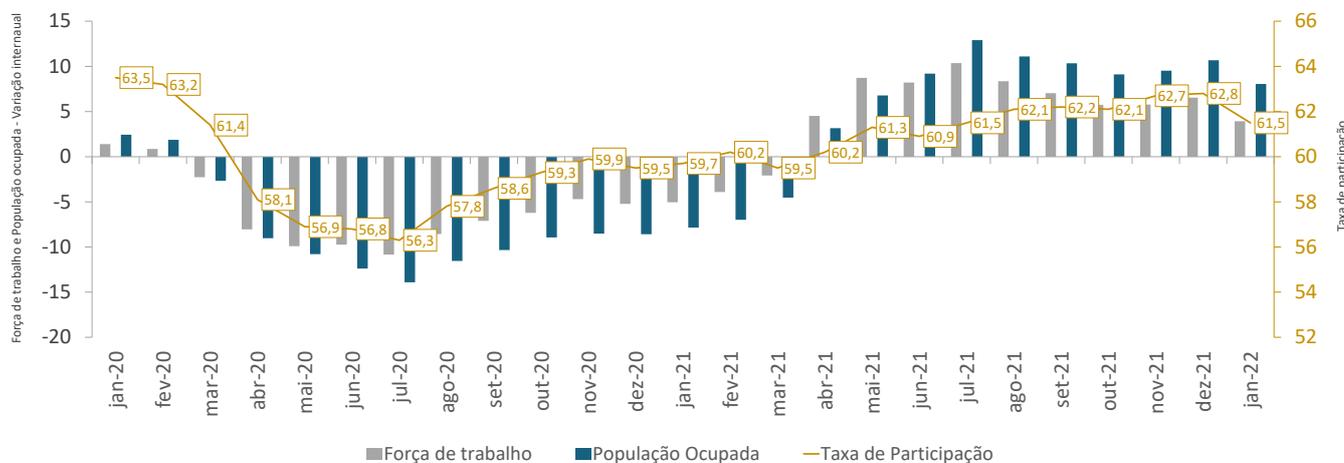
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 3
Força de trabalho – Dados dessazonalizados
(Em milhões de pessoas)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 4
Indicadores do mercado de trabalho
(Em %)

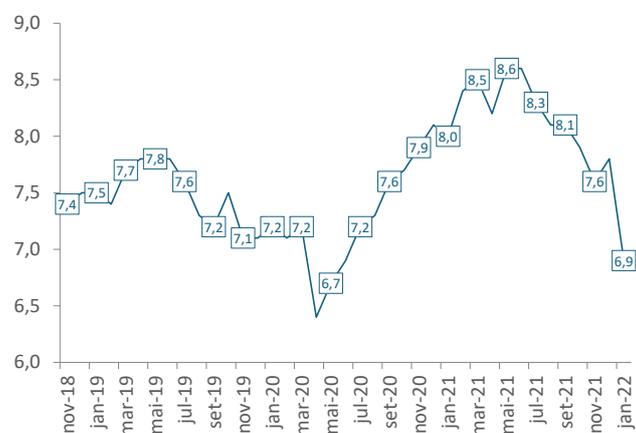


Fonte: PNAD Contínua/IBGE; Disoc/Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Apesar da tendência de melhora da ocupação, os dados da PNAD Contínua mostram que ainda existe uma parte não desprezível desta população que está subocupada,³ embora esse conjunto de trabalhadores venha recuando em proporção ao total de ocupados. Em janeiro, o montante de pessoas que se declararam subocupadas foi de 6,5 milhões, ou seja, 6,9% do total da ocupação, o que vem a ser a menor parcela desde o início da retomada do mercado de trabalho, a partir do segundo semestre de 2020 (gráfico 5). Por conseguinte, a taxa combinada de desocupação e subocupação também registra forte desaceleração nos últimos meses, já muito próxima da observada em 2019 (gráfico 6).

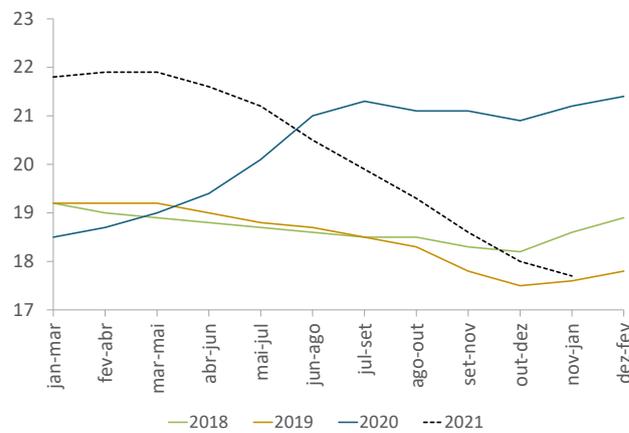
3. Segundo o IBGE, o conceito de subocupação por insuficiência de horas trabalhadas se refere à população que está trabalhando menos de 40 horas semanais, mas tem disponibilidade e gostaria de trabalhar mais.

GRÁFICO 5
Proporção de subocupados em relação à população ocupada total
 (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

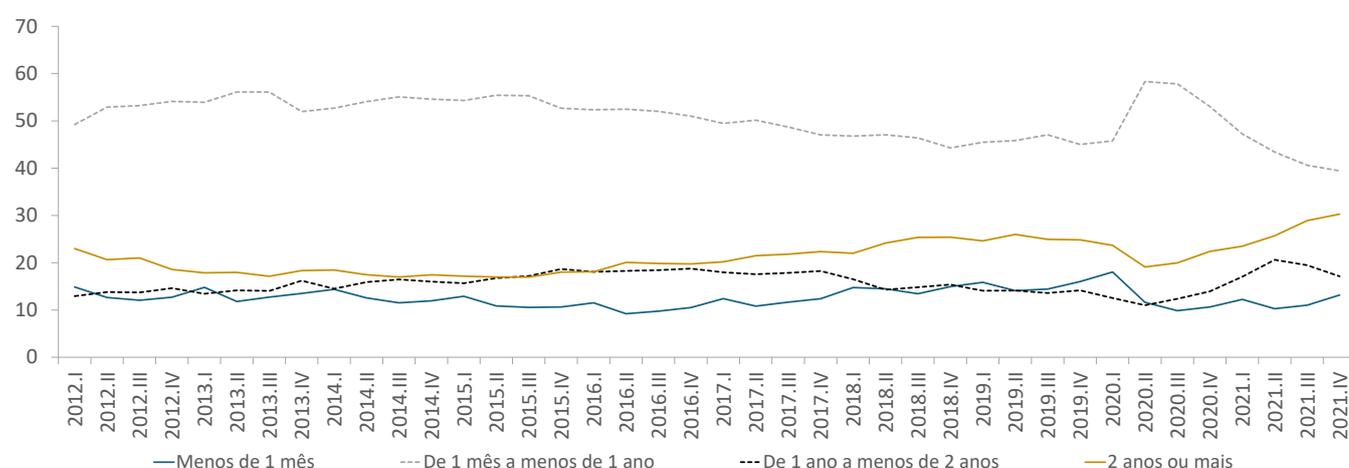
GRÁFICO 6
Taxa combinada de desocupação e subocupação
 (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Em que pese a melhora no dinamismo da ocupação, o aumento do tempo de permanência no desemprego mostra que a situação do mercado de trabalho continua desafiadora. No quarto trimestre de 2021, a proporção de desempregados que estavam nesta situação há mais de dois anos voltou a subir, superando 30% e, novamente, atingindo o recorde da série histórica (gráfico 7). De acordo com os microdados de transição, extraídos da PNAD Contínua, observa-se que mesmo diante do recuo da parcela de trabalhadores desocupados que estavam nesta situação por dois trimestres consecutivos, o percentual de 69,1%, no último trimestre de 2021, ainda se encontra em patamares acima dos registrados no período pré-pandemia (gráfico 8). Em contrapartida, embora apresente alguma aceleração na margem, a proporção de desempregados que obtiveram uma colocação no trimestre subsequente mantém-se em níveis abaixo dos registrados no passado.

GRÁFICO 7
Desocupados por tempo de procura de trabalho
 (Em %)

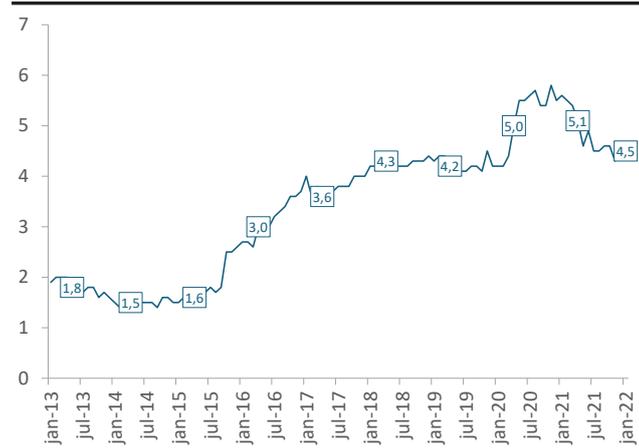


Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

De modo semelhante ao retratado pelas análises de transição, os dados relacionados ao desalento também sinalizam uma situação mais favorável no mercado de trabalho. Em janeiro de 2022, o conjunto de desalentados no país somava aproximadamente 4,7 milhões, ou seja, embora ainda alto, esse montante era 18,3% menor que o apontado no mesmo período do ano anterior (5,8 milhões). Logo, a taxa de desalentados no país – medida pela proporção de desalentados em relação à população fora da força de trabalho – recuou, novamente, passando de 5,6% em janeiro de 2021 para 4,5% em janeiro de 2022 (gráfico 9).

Assim como o esperado, a queda do desalento vem sendo impulsionada por uma percepção mais positiva da população em relação as condições do mercado de trabalho, possibilitada pelo aumento no ritmo de criação de novas vagas. No entanto, mesmo diante de uma recuperação mais forte do emprego formal, a maior parte das novas vagas ainda está sendo gerada nos segmentos informais da economia. No último trimestre móvel, encerrado em janeiro de 2022, segundo a PNAD Contínua, enquanto o montante de trabalhadores com carteira avançou 9,3%, na comparação interanual, os contingentes de ocupados sem carteira e por conta própria se expandiram 19,8% e 10,3%, respectivamente (gráfico 10).

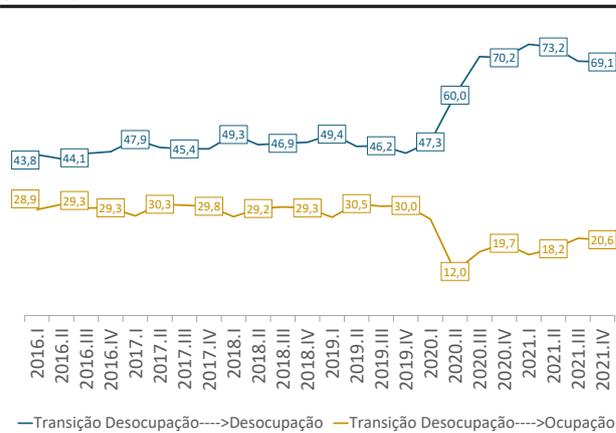
GRÁFICO 9
Proporção de desalentados em relação à população fora da força de trabalho
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

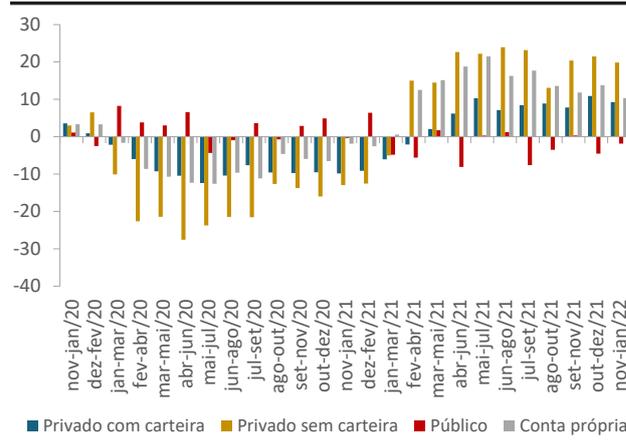
Essa melhora do emprego formal retratada pela pesquisa do IBGE é corroborada pelos dados do Novo Cadastro Geral de Emprego e Desemprego (Caged). Segundo as estatísticas divulgadas pelo Ministério do Trabalho, nos últimos doze meses, encerrados em janeiro de 2022, a economia brasileira gerou mais de 2,75 milhões de novas vagas com carteira assinada. Logo, o estoque de trabalhadores formais medido pelo Caged, em janeiro, chegou a 40,8 milhões, o que representa uma alta de 6,9% na comparação com o mesmo período do ano anterior (gráfico 11).

GRÁFICO 8
Transições de desocupados
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

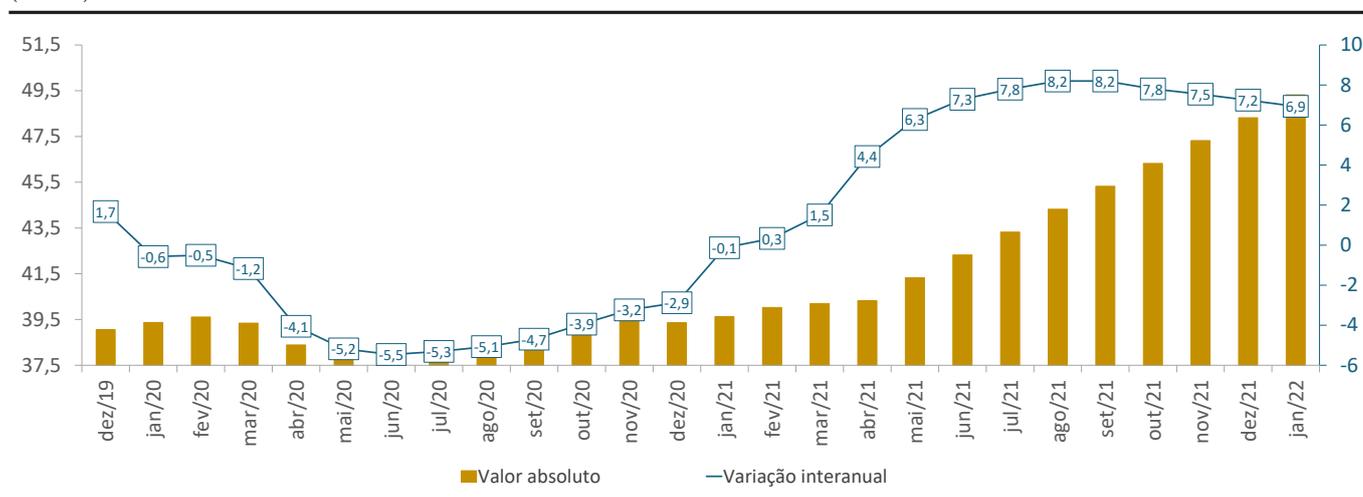
GRÁFICO 10
População ocupada por vínculo empregatício (taxa de variação interanual)
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 11

Caged: estoque de empregos formais, em valor absoluto (milhões de pessoas) e variação interanual (Em %)



Fonte: Caged/Secretaria de Trabalho.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Para o restante do ano, embora se mantenha a expectativa de continuidade desse processo de recuperação do mercado de trabalho, o ritmo desta retomada deve arrefecer. Por certo, apesar da perspectiva de uma recomposição menos intensa da força de trabalho, seu efeito sobre o recuo da taxa de desocupação pode ser parcialmente compensado pelo possível crescimento menos acentuado da ocupação em 2022, refletindo um desempenho mais moderado da atividade econômica.

2 Análise dos fluxos de ocupação e desocupação

A estrutura da PNAD Contínua permite que domicílios e seus moradores sejam entrevistados por até cinco vezes, sempre com intervalo de três meses, perfazendo um ano entre a primeira e a eventual quinta entrevista. A comparação da informação fornecida em duas entrevistas consecutivas pode ser muito útil para entender os ajustes observados no mercado de trabalho, na medida em que permite quantificar as transições entre diferentes posições ocupadas pelos indivíduos nesse mercado entre as entrevistas.⁴ Claramente, não é possível recuperar as transições de todas as observações em nossa amostra por diversos motivos (atrito, entrada/saída da amostra), entretanto, como esses casos afetam a estimação final das populações de interesse, eles também são objeto de análise nessa seção.

Deve-se ressaltar, ainda, que algumas questões metodológicas se tornaram importantes desde a chegada da pandemia de covid-19. Em meados de março de 2020, o IBGE se viu impedido de realizar as entrevistas presenciais para a PNAD Contínua. Conforme detalhado em Corseuil e Russo (2021),⁵ isso trouxe uma redução considerável no número de entrevistas realizadas, principalmente entre indivíduos que seriam entrevistados pela primeira vez no segundo trimestre de 2020, mas também em algum grau relevante para indivíduos que realizariam entrevistas subsequentes. As consequências desse fato repercutem para além do segundo trimestre de 2020, porém com relevância declinante, de forma a exercer uma influência mais branda no quarto trimestre de 2021.

4. Vale dizer que o IBGE disponibiliza apenas um código identificador do domicílio, de forma que para seguir a sequência de entrevistas de um mesmo indivíduo foi usado também o gênero e data de nascimento dos entrevistados.

5. Corseuil, C. H.; Russo, F. *A redução no número de entrevistas na PNAD Contínua durante a pandemia e sua influência para a evolução do emprego formal*. Rio de Janeiro: Ipea, 2021. (Carta de Conjuntura, n. 50).

2.1 Fluxos determinantes para ocupação

Os próximos gráficos são construídos a partir dos fluxos de trabalhadores entre diferentes posições no mercado de trabalho, identificados por entrevistas consecutivas de indivíduos amostrados na PNAD Contínua, normalizados pela população ocupada estimada do trimestre anterior do grupo sob análise. Dessa forma, busca-se mostrar a importância desses fluxos na variação trimestral registrada por essas populações.

O gráfico 12 mostra os fluxos de entrada e saída para a população ocupada estimada.⁶ A diferença entre as duas linhas do gráfico é equivalente, por construção, à variação trimestral estimada da população ocupada. Por ele é possível verificar dois fatos interessantes relativos à evolução de ambos os componentes registrada no quarto trimestre de 2021. Em primeiro lugar, como nos dois trimestres imediatamente anteriores, o fluxo de entrada na ocupação, que registra 50,3% no quarto trimestre de 2021, supera o de saída da ocupação, que registra 47,3% nesse mesmo trimestre. Essa diferença favorável ao fluxo de entrada contribui para a expansão da população ocupada.

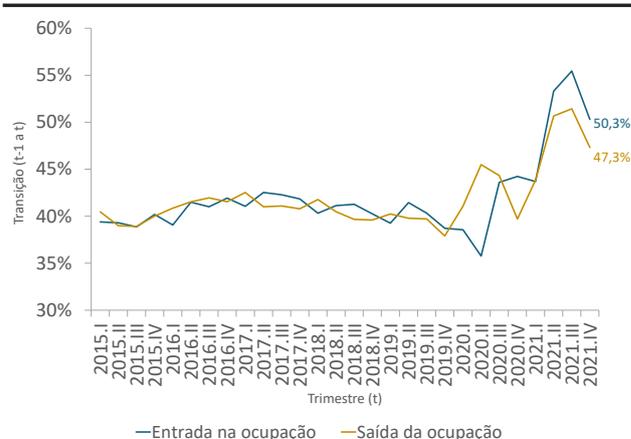
O segundo fato digno de nota é que a evolução do fluxo de entrada e saída de trabalhadores na ocupação marca uma inflexão no quarto trimestre de 2021, quando passa a declinar após dois trimestres consecutivos de aumento.⁷ O declínio do fluxo de entrada de magnitude de 5 p.p. (de 55,4% para 50,3%) foi maior que o registrado na saída, de 51,4% para 47,3%. Esse fator pode ser considerado um indicativo de que a expansão da população ocupada esteja perdendo fôlego, resultando em crescimento menor no último trimestre.

No quarto trimestre de 2021, assim como verificado nos trimestres anteriores, os movimentos registrados no fluxo de entrada de trabalhadores na ocupação não tinham como principal determinante o fluxo de trabalhadores oriundo do desemprego ou da inatividade, e sim proveniente de um termo residual associado a variações amostrais causadas por oscilações nas entradas e saídas de indivíduos da amostra, bem como ajustes no fator de expansão para aqueles que nela permanecem.

Por certo, de acordo com o gráfico 13, que retrata a evolução dos componentes do fluxo de entrada dos trabalhadores na ocupação, observa-se que a queda apontada no quarto trimestre de 2021 se deve exclusivamente a uma diminuição registrada para o componente residual amostral. Os fluxos de entrada na ocupação provenientes do desemprego e da inatividade registraram no quarto trimestre de 2021 valores muito próximos daqueles registrados no trimestre anterior.

O gráfico 14 repete o exercício para a saída da ocupação, com o mesmo resultado: a queda observada no último trimestre é causada pelo componente residual.

GRÁFICO 12
Fluxos de saída e entrada para ocupação após o primeiro trimestre
(Em %)

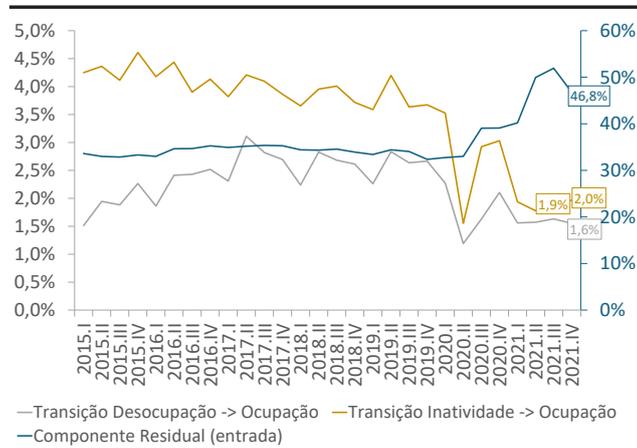


Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Obs.: Os fluxos de entrada incluem indivíduos que entraram na amostra como ocupados e indivíduos que transitaram da não ocupação para ocupação. Os fluxos de saída incluem indivíduos que eram ocupados e saíram da amostra e aqueles que transitaram da ocupação para não ocupação.

6. Além disso, foi calculado o saldo da soma de todas as variações no peso amostral dos indivíduos que permaneceram ocupados de um trimestre para o outro. Quando é positivo, esse saldo no trimestre é acrescido na série das entradas e, quando negativo, na série das saídas.

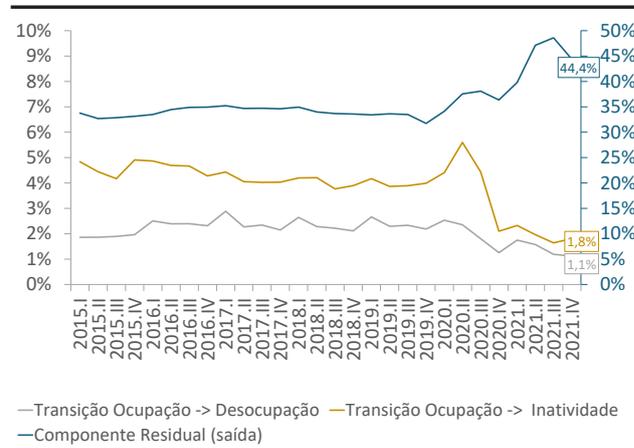
7. Os fluxos de entrada incluem indivíduos que entraram na amostra como ocupados e indivíduos que transitaram da não ocupação para ocupação. Os fluxos de saída incluem indivíduos que eram ocupados e saíram da amostra e aqueles que transitaram da ocupação para não ocupação.

GRÁFICO 13
Decomposição das entradas para ocupação após o primeiro trimestre
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 14
Decomposição das saídas para ocupação após o primeiro trimestre
(Em %)



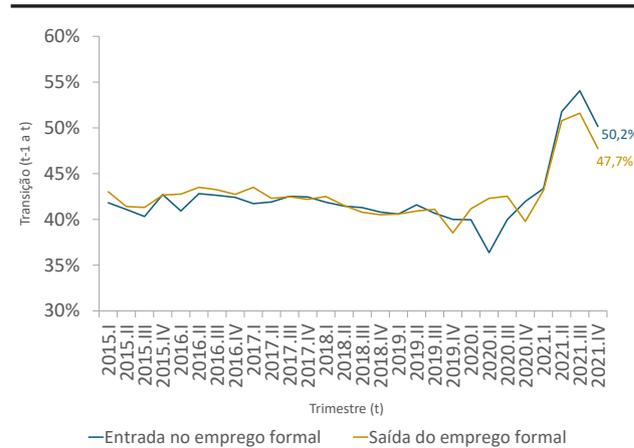
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Ou seja, é preciso ter cautela em relação à trajetória recente registrada para a população ocupada, haja vista que há indícios de que parte desse movimento pode ser resultado de ajustes feitos pelo IBGE, seja na quantidade de entrevistas, seja nos fatores de expansão, em virtude dos desafios impostos pela pandemia no que se refere à dificuldade de entrevistar as pessoas. (É importante frisar que chegamos a essa conclusão usando os dados com a última ponderação disponibilizada pelo IBGE.)

2.2 Fluxos determinantes para empregados formais

O gráfico 15 mostra os fluxos de entrada e saída de trabalhadores de forma análoga ao exposto no gráfico 12, mas agora restrito a empregados com carteira, estatutários e militares, que serão classificados como empregados formais. Os dados confirmam que os mesmos dois fatos destacados para a evolução da ocupação total no quarto trimestre de 2021 também se evidenciam para a evolução do emprego formal. Em primeiro lugar, o fluxo de trabalhadores que entram numa ocupação formal continua superando o correspondente fluxo de saída no quarto trimestre de 2021, como vinha ocorrendo nos dois trimestres anteriores. Em segundo lugar, o quarto trimestre de 2021 registra uma reversão na tendência de aumento em ambos os fluxos para o segmento formal do mercado de trabalho que vigorava nos trimestres anteriores. No último trimestre de 2021 há uma queda de aproximadamente 4 p.p. no fluxo de entrada (de 54,1% para 50,2%), enquanto a saída do mercado formal caiu de 51,6% para 47,7%.

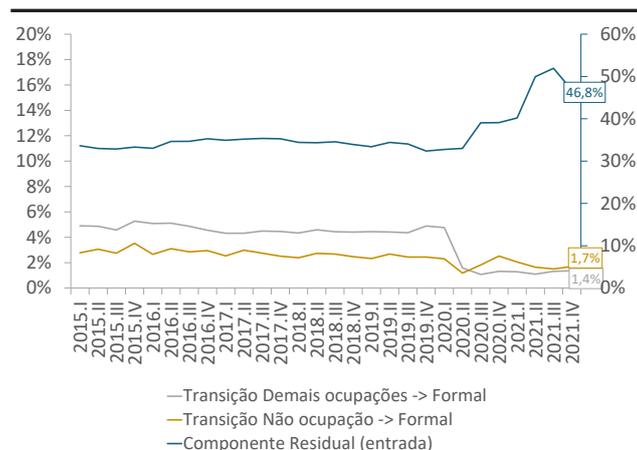
GRÁFICO 15
Fluxos de entrada e saída para empregados formais após o primeiro trimestre
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Obs.: Os fluxos de entrada incluem indivíduos que entraram na amostra como formais e indivíduos que transitaram da não formalidade para formalidade. Os fluxos de saída incluem indivíduos que eram formais e saíram da amostra e indivíduos que transitaram da formalidade para não formalidade.

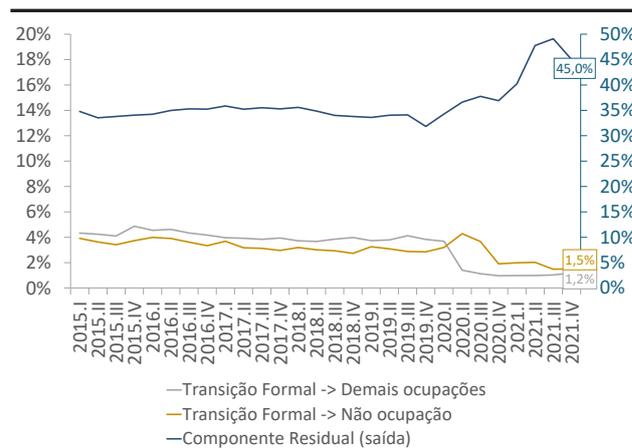
Como na análise anterior sobre a população ocupada total, também desagregamos a evolução do fluxo de entrada e saída no segmento formal do mercado de trabalho. Os resultados expostos no gráfico 16 e 17 confirmam que a trajetória dos fluxos de entrada e saída também são determinados pelo componente relacionado com alterações amostrais. Dessa forma, cabe aqui, na análise da evolução do emprego formal, o mesmo tom de cautela que sugerimos ao analisar a trajetória recente da população ocupada.

GRÁFICO 16
Decomposição do fluxo de entrada para empregados formais após o primeiro trimestre
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/ IBGE.
Obs.: Nesse gráfico estão inclusos na formalidade empregados com carteira excluídos os trabalhadores domésticos.

GRÁFICO 17
Decomposição do fluxo de saída para empregados formais após o primeiro trimestre
(Em %)

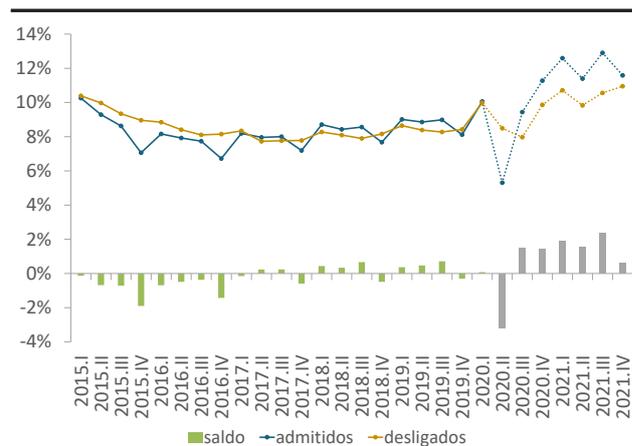


Fonte: PNAD Contínua/ IBGE.
Obs.: Nesse gráfico estão inclusos na formalidade empregados com carteira excluídos os trabalhadores domésticos.

Uma alternativa para se analisar os fluxos para a população de trabalhadores formais é através do Caged. O gráfico 18 mostra essas movimentações acumuladas em trimestres para facilitar a comparação com os dados da PNAD Contínua. É preciso ressaltar que após 2020 a forma de obtenção dessas informações mudou e a base passou a se chamar Novo Caged, cujos dados são representados no gráfico por meio de linhas pontilhadas.

De acordo com essa fonte de informação, e tal como observado na PNAD Contínua, o fluxo de entrada no emprego formal (admissões) supera o fluxo de saída (desligamentos) no quarto trimestre de 2021 (11,6% contra 11,0%). Além disso, o padrão reportado pelo Novo Caged traz mais uma semelhança com o reportado pela PNAD Contínua para o emprego formal no que tange a uma diminuição no fluxo das admissões entre o terceiro e o quarto trimestres de 2021. Já o fluxo de desligamentos registra um crescimento no quarto trimestre de 2021, em contraste com a diminuição re-

GRÁFICO 18
Vínculos admitidos, desligados e saldo trimestralizados do Caged
(Em %)



Fonte: Caged e Novo Caged/ Secretaria do Trabalho, Ministério da Economia; PNAD Contínua/ IBGE.

Obs.: As movimentações do Caged e Novo Caged foram normalizadas utilizando a população estimada de empregados formais (com carteira, estatutários e militares), do trimestre anterior.

portada na PNAD Contínua no mesmo período. Vale dizer que essa distinção tende a ser recorrente em quartos trimestres em razão da alta concentração de desligamentos registrados nos últimos dias do ano e da forma distinta como essa informação é capturada em cada uma das fontes de informação.⁸

2.3 Fluxos determinantes para a desocupação

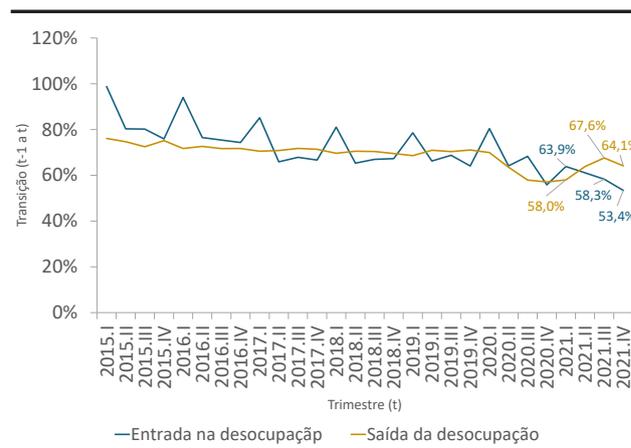
O gráfico 19 mostra a evolução dos fluxos que determinam o comportamento da desocupação. Percebe-se que há uma manutenção na tendência de queda no fluxo de entrada no desemprego no quarto trimestre, quando atinge 53,4%, depois de ter alcançado a marca de 63,9% no primeiro trimestre. Já o fluxo de saída, após três trimestres de crescimento seguidos, também apresentou queda, mas em magnitude menor, de 67,6% para 64,1%.

Como resultado, o fluxo de entrada se distancia do fluxo de saída do desemprego. Essa diferença de 10,7 p.p. entre os dois fluxos na direção pró-redução do desemprego é a maior registrada no quarto trimestre no horizonte analisado no gráfico 19 (desde 2015).

Para compreender melhor o movimento mais intenso de queda no fluxo de entrada de trabalhadores no desemprego, analisamos a evolução de seus componentes a partir do gráfico 20. É possível notar que, assim como foi analisado nos fluxos de entrada para ocupação e emprego formal, o movimento destacado no fluxo de entrada para o desemprego se deve ao termo residual no quarto trimestre de 2021. Vale ressaltar inclusive que o fluxo proveniente da ocupação registrou elevação, ainda que modesta, no quarto trimestre de 2021 – ou seja, nesse último trimestre de 2021 aumentou a frequência de trabalhadores que ingressam no desemprego devido à saída de uma ocupação.

De forma análoga, o gráfico 21 revela que a queda registrada no fluxo de saída do desemprego também se deve às variações na composição da amostra. Novamente, deve ser ressaltado que o fluxo do desemprego para a ocupação registra uma leve queda no quarto trimestre de 2021. Em suma, olhando apenas a evolução dos fluxos entre ocupação e desemprego, teríamos observado uma alta na quantidade de trabalhadores desempregados no último trimestre de 2021. Isso só não se concretizou porque as saídas e entradas na amostra da PNAD Contínua e/ou os ajustes nos fatores de expansão dos indivíduos contribuíram para uma redução mais substantiva do montante de desempregados.

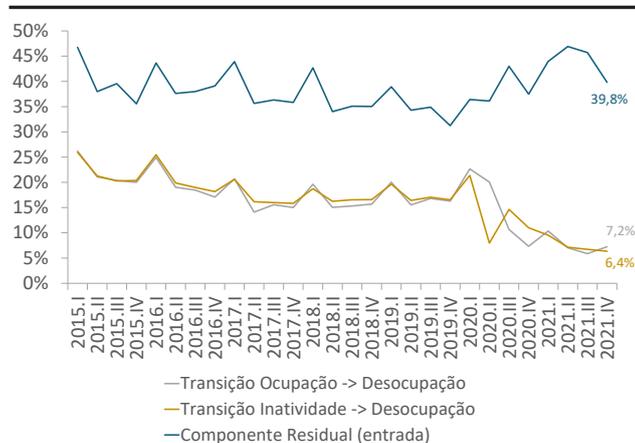
GRÁFICO 19
Transições para dentro e fora do desemprego após o primeiro trimestre
(Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

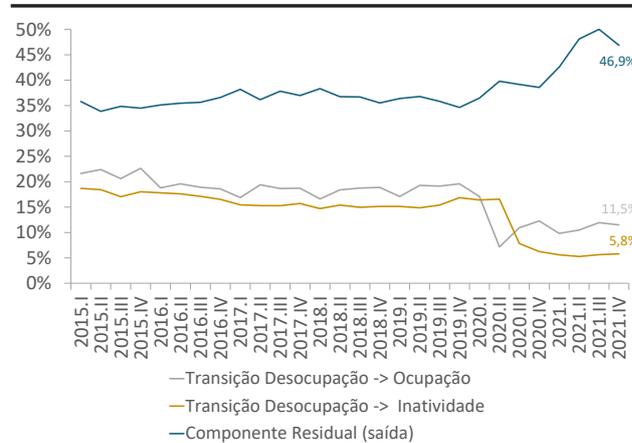
8. Corseuil, C. H. et al. Mais sobre as diferenças na evolução do emprego formal na PNAD Contínua e no Caged. Brasília: Ipea, 2019. (Mercado de Trabalho: Conjuntura e Análise, n. 67).

GRÁFICO 20
Decomposição do fluxo de entrada para desocupação o primeiro trimestre
 (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 21
Decomposição do fluxo de saída para desocupação após o primeiro trimestre
 (Em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

3 Análise desagregada da desocupação

De acordo com os dados desagregados, extraídos da PNAD Contínua trimestral, no quarto trimestre de 2021, a taxa de desocupação recuou, tanto na margem quanto na comparação interanual, para todos os segmentos pesquisados (tabela 1). Na abertura por regiões, a pesquisa mostra que, apesar de um recuo generalizado, o desemprego foi mais intenso na região Sudeste, cuja taxa de desocupação caiu 3,9 p.p. entre 2020 e 2021, passando de 15,1% para 11,2%. Ressalta-se ainda que as regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste já apresentam taxas de desemprego abaixo das registradas no quarto trimestre de 2019, ou seja, no período pré-pandemia. Em termos absolutos, as maiores taxas de desocupação foram verificadas no Amapá (17,5%), na Bahia (17,3%) e em Pernambuco (17,1%). Já em relação às regiões metropolitanas e não metropolitanas, houve queda do desemprego em ambos os segmentos, cujas taxas de desocupação passaram de 17,1% e 12,0% em 2020 para 13,1% e 9,6% em 2021.

O recorte por gênero revela que, embora tenha ocorrido queda da desocupação para ambos os sexos, a taxa de desemprego entre os homens (9,0%) segue abaixo da observada entre as mulheres (13,9%). Nota-se aqui que, enquanto o desemprego entre os homens já se encontra abaixo do registrado no período pré-pandemia (9,2%), a taxa de desocupação feminina ainda se mostra levemente superior à apontada no quarto período de 2019 (13,4%). A desagregação por posição familiar indica uma desaceleração da taxa de desemprego nos dois grupos, sendo que a desocupação dos não chefes de família (13,6%) se mantém bem acima da registrada entre os chefes de família (8,0%).

A abertura por idade mostra que, apesar de todos os segmentos etários terem registrado queda na desocupação, esse recuo foi intenso na faixa dos trabalhadores mais jovens, cuja taxa de desemprego retroagiu 6,2 p.p., entre o quarto trimestre de 2020 e o de 2021, passando de 29% para 22,8%. Na decomposição dessa taxa, observa-se que, mesmo diante de um crescimento interanual de 7,0% da força de trabalho (gráfico 22), a ocupação entre os jovens avançou 16,8% (gráfico 23) no período, sendo o principal fator explicativo para essa melhora no comportamento da desocupação. Assim como ocorreu com a população mais jovem, a ocupação entre os

trabalhadores com mais de 60 anos também apontou uma expansão significativa, no último trimestre de 2021, com taxa de crescimento de 15,9%. Nota-se, entretanto, que o efeito desse aumento da população ocupada sobre a queda do desemprego dos trabalhadores mais idosos acabou sendo atenuado pelo crescimento de 15,0% da força de trabalho desse grupo no período em questão.

TABELA 1

Taxa de desemprego

(Em %)

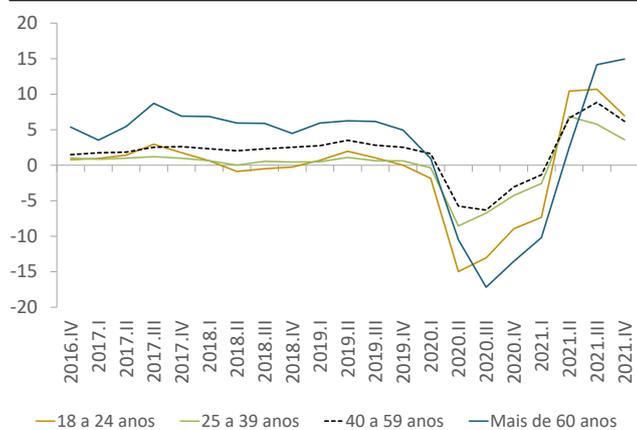
	2020				2021				2022			
	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.
Brasil	12,8	12,1	11,9	11,1	12,4	13,6	14,9	14,2	14,9	14,2	12,6	11,1
Centro Oeste	10,9	10,4	10,2	9,5	10,7	12,7	12,9	12,1	12,8	11,6	9,8	8,4
Nordeste	15,4	14,8	14,6	13,8	15,8	16,5	18,3	17,6	18,9	18,4	16,4	14,7
Norte	13,2	12,0	11,9	10,7	12,1	12,0	13,3	12,6	15,0	14,1	12,0	11,2
Sudeste	13,3	12,5	12,0	11,5	12,5	14,2	15,7	15,1	15,3	14,6	13,1	11,2
Sul	8,2	8,1	8,2	6,8	7,7	9,1	9,6	8,4	8,7	8,2	7,5	6,7
Masculino	10,9	10,3	10,0	9,2	10,4	12,2	12,9	11,9	12,2	11,6	10,1	9,0
Feminino	15,3	14,5	14,3	13,4	14,9	15,5	17,5	17,2	18,5	17,7	15,9	13,9
18 a 24 anos	26,6	25,1	25,1	23,2	26,3	28,8	30,6	29,0	30,0	28,5	25,7	22,8
25 a 39 anos	11,7	10,9	10,6	10,1	11,0	12,7	13,9	13,4	14,1	13,2	11,5	10,1
40 a 59 anos	7,5	7,2	7,1	6,5	7,5	8,7	9,9	8,9	9,6	9,5	8,2	7,2
Mais de 60 anos	4,5	4,9	4,6	4,2	4,4	4,8	5,3	5,2	5,9	5,6	5,4	4,4
Não de Chefe Família	16,7	15,7	15,2	14,1	15,5	16,9	18,4	17,7	18,6	17,8	15,7	13,6
Chefe de Família	8,0	7,8	7,8	7,3	8,4	9,7	10,6	9,8	10,4	9,8	8,7	8,0
Fundamental Incompleto	11,6	11,2	11,4	10,6	11,5	13,5	14,7	13,7	14,0	13,8	12,1	10,9
Fundamental Completo	14,1	14,1	14,0	12,5	14,0	16,4	17,3	16,7	15,8	15,7	14,0	13,3
Médio Incompleto	21,9	20,2	20,5	18,4	20,3	22,3	24,1	23,5	24,2	22,7	20,1	18,4
Médio Completo	14,5	13,6	12,9	12,2	14,1	15,4	17,1	16,1	17,1	16,2	14,4	12,6
Superior	8,6	8,1	7,7	7,3	8,2	8,6	9,3	9,2	10,3	9,4	8,2	6,7
Região Metropolitana	14,4	13,9	13,5	12,7	13,9	16,0	17,7	17,1	17,1	16,3	14,9	13,1
Não Região Metropolitana	11,7	10,7	10,6	9,8	11,2	11,8	12,7	12,0	13,2	12,6	10,9	9,6

Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

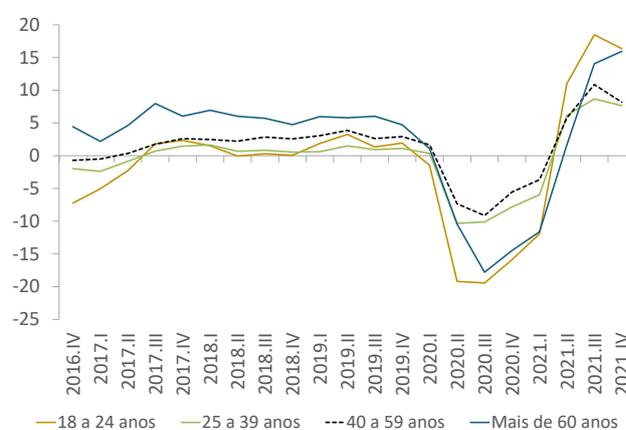
De modo semelhante, a desagregação por grau de escolaridade também sinaliza uma queda generalizada da desocupação no quarto trimestre de 2021, refletindo uma expansão da ocupação (gráfico 24) em ritmo superior ao observado na força de trabalho (gráfico 25) para todos os níveis de instrução. Os microdados da PNAD revelam que, embora em termos absolutos, a maior queda da desocupação, entre 2020 e 2021, tenha ocorrido no segmento dos trabalhadores com ensino fundamental incompleto, cuja taxa recuou 5,1 p.p., passando de 23,5% para 18,4%, em termos relativos, a queda mais acentuada aconteceu entre os trabalhadores com ensino superior. Entre o quarto trimestre de 2020 e o quarto trimestre de 2021, a desocupação dos trabalhadores mais escolarizados caiu 27%, recuando de 9,2% para 6,7%. Ressalta-se, entretanto, que essa melhora do desemprego entre os indivíduos de maior escolaridade refletiu, basicamente, a queda de 2,0% da sua força de trabalho, tendo em vista que a ocupação cresceu apenas 0,6% no período. No caso dos demais segmentos, as taxas de crescimento interanuais da população ocupada foram bem mais expressivas: fundamental incompleto (16,2%); fundamental completo (10,9%); e médio (13,2%).

GRÁFICO 22
População Economicamente Ativa - por faixa etária
(Variação interanual, em %)



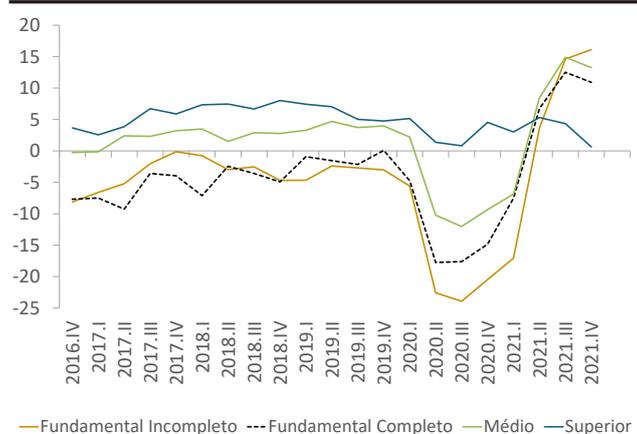
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 23
População Ocupada - por faixa etária
(Variação interanual, em %)



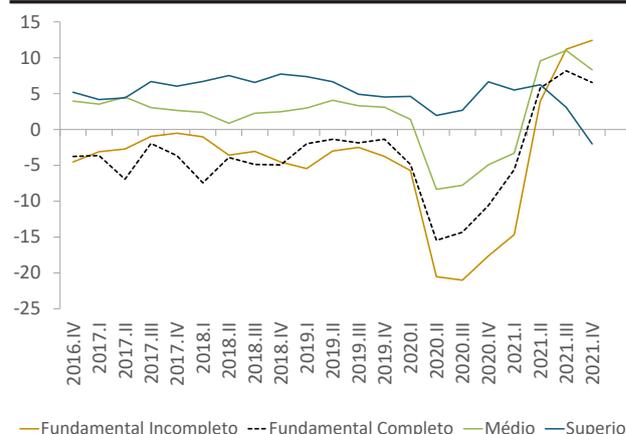
Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 24
População Ocupada - por grau de instrução
(Variação interanual, em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 25
População Economicamente Ativa - por grau de instrução
(Variação interanual, em %)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

4 Emprego setorial

De acordo com a tabela 2, que retrata a variação interanual da população ocupada, verifica-se que, repetindo o resultado do trimestre anterior, os destaques positivos para o último trimestre de 2021 continuam sendo os setores de alojamento e alimentação (23,9%), serviços domésticos (21,7%) e construção civil (17,4%). Vale destacar que os dois primeiros setores apresentaram significativa recuperação após sofrerem forte queda em 2020, haja vista serem particularmente sensíveis às medidas de afastamento social com o objetivo de conter a pandemia, dado o risco sanitário ao qual os trabalhadores são submetidos (Galindo, Silva e Pedreira Júnior, 2022).⁹ De forma geral todos os setores apresentaram crescimento de 2020 para 2021, exceto administração pública.

9. Galindo, E. P.; Silva, S. P.; Pedreira Júnior, J. Impactos fatais da Covid-19 nos trabalhadores brasileiros. Brasília: Ipea, 2022. (Nota Técnica).

TABELA 2

População ocupada por setores: variação interanual (4º trim. 2019 - 4º trim. 2021)
(Em %)

	4º trim. 2019	1º trim. 2020	2º trim. 2020	3º trim. 2020	4º trim. 2020	1º trim. 2021	2º trim. 2021	3º trim. 2021	4º trim. 2021
Agricultura	-0.4	-1.7	-7.8	-2.7	2.1	3.6	11.2	9.7	4.5
Indústria Transformação	3.2	1.6	-9.9	-10.5	-7.3	-5.2	5.3	12.8	9.1
Indústria Extrativa	10.4	11.0	9.7	-4.9	-11.3	-11.6	-4.8	5.0	12.1
SIUP*	5.0	4.0	-10.6	-16.5	-26.3	-19.2	-18.6	-13.0	8.1
Construção Civil	0.1	-2.3	-18.8	-14.7	-9.3	-2.5	22.2	20.1	17.4
Comércio	1.6	-0.7	-12.6	-12.7	-10.3	-8.2	6.1	13.4	11.6
Informática, Financeira, Serviços a empresas	2.2	1.6	-4.7	-6.8	-0.8	0.9	9.1	10.4	7.2
Transporte	3.3	2.0	-9.9	-14.0	-11.5	-9.0	4.6	12.6	10.0
Serviços Pessoais	4.7	2.3	-17.6	-20.5	-18.3	-17.4	3.5	8.8	14.7
Adm. Pública	0.1	0.3	3.2	1.3	1.9	-3.0	-3.0	-3.7	-2.4
Saúde e Educação	1.8	4.8	-0.1	-5.4	-2.1	-0.6	-0.2	4.3	3.1
Alojamento e Alimentação	5.7	-1.3	-26.1	-30.3	-27.6	-26.3	8.8	26.5	23.9
Serviços Domésticos	2.3	-2.1	-25.6	-27.8	-23.8	-18.6	9.0	21.3	21.7

Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Obs: Serviços industriais de utilidade pública

Nota-se, ainda, que a desagregação da variação anual por setores e por posição na ocupação, no quarto trimestre de 2021, sinaliza que o resultado positivo do último trimestre alcançou não apenas a maior parte dos setores como também foi registrado tanto no mercado de trabalho formal quanto no informal (tabela 3).

TABELA 3

População ocupada por setores e posição na ocupação – variação interanual (4º trim. 2021)
(Em %)

	Novo Caged ¹	Com Carteira ²	Sem Carteira ³	Conta-Própria
Total	0.66	6.2	15.8	13.1
Agricultura	-3.5	4.4	6.0	4.0
Indústria Transformação	0.0	8.3	10.3	14.8
Indústria Extrativa	-16.9	8.2	66.0	7.8
SIUP	0.1	5.6	7.4	24.5
Construção Civil	-2.0	18.9	22.9	15.6
Comércio	2.7	7.7	21.8	14.0
Informática, Financeira, Serviços a empresas	2.3	7.3	17.1	6.8
Transporte	0.9	11.9	15.1	6.2
Serviços Pessoais	1.7	12.2	-5.0	22.9
Adm. Pública	-0.4	-6.3	13.0	-
Saúde e Educação	-0.6	0.0	13.5	24.9
Alojamento e Alimentação	7.7	27.0	21.9	20.4
Serviços Domésticos	-	17.5	23.2	-

Fonte: PNAD Contínua/IBGE e Novo Caged/Ministério da Economia.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Obs.:

1. Normalizado pela população estimada pela PNAD-C de trabalhadores formais;
2. Empregados com carteira, militares e estatutários;
3. Empregados sem carteira e trabalhador auxiliar familiar sem remuneração.

A população ocupada que se identifica como conta própria, ou seja, não é empregada por outro indivíduo ou empresa, registrou aumento anual em todos os setores. Em particular, os setores de saúde e educação, serviços

peçoais, bem como alojamento e alimentação cresceram mais de 20% na comparação do quarto trimestre de 2021 com 2020. O resultado de 24% no setor de SIUP tem por base uma população estimada pequena – aproximadamente 50 mil trabalhadores – e, portanto, deve ser considerado com cautela.

Os empregados informais, aqueles que não possuem carteira assinada, também experimentaram crescimento anual em todos os setores, com exceção de serviços pessoais. Dos treze setores agregados, dez aumentaram mais de 10%, com serviços domésticos, construção civil, alojamento e alimentação, e comércio crescendo mais de 20% no ano. O setor da indústria extrativa apresentou aumento na sua população sem carteira de 66%, mas novamente deve ser levada em consideração a pequena base de cálculo (em torno de 10 mil empregados). Finalmente, merece destaque o setor de saúde e educação, que apresentou crescimento anual apenas no mercado informal.

Ainda de acordo com as informações da PNAD, apenas os setores de administração pública e saúde e educação não apresentaram crescimento anual de seus empregados formais. O primeiro registrou uma queda de 6,3% e o segundo permaneceu estável no ano. O destaque, novamente, cabe ao setor de alojamento e alimentação, que continua sua trajetória de recuperação após as fortes quedas de 2020. Serviços domésticos e construção civil tiveram crescimento no mercado formal, acompanhando os resultados positivos registrados no mercado informal no quarto trimestre de 2021.

No entanto, o saldo do Novo Caged, normalizado pela população estimada de trabalhadores formais do mesmo trimestre do ano anterior, mostra que, no geral, o resultado do último trimestre foi mais modesto (0,6%), tendo em vista que apenas seis dos treze setores agregados tiveram saldos positivos. Ressalta-se, também, que os setores de agricultura e construção civil registraram resultados opostos aos observados na PNAD Contínua, com quedas de 3,5% e 2%, respectivamente. Já o segmento de alojamento e alimentação cresceu 7,7% no ano, de acordo com o Novo Caged, o que reforça o indicativo de que o setor está se recuperando após o primeiro ano de pandemia.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

José Ronaldo de Castro Souza Júnior (Diretor)
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Diretor Adjunto)

Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

José Ronaldo de Castro Souza Júnior (Editor)
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Editor)
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Fábio Servo
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos
Leonardo Mello de Carvalho
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Sandro Sacchet de Carvalho

Pesquisadores Visitantes:

Ana Cecília Kreter
Andreza Aparecida Palma
Antônio Carlos Simões Florido
Cristiano da Costa Silva
Felipe Moraes Cornelio
Paulo Mansur Levy
Sidney Martins Caetano

Equipe de Assistentes:

Caio Rodrigues Gomes Leite
Diego Ferreira
Felipe dos Santos Martins
Felipe Simplicio Ferreira
Izabel Nolau de Souza
Marcelo Lima de Moraes
Pedro Mendes Garcia
Rafael Pastre
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

Design/Diagramação:

Augusto Lopes dos Santos Borges
Leonardo Simão Lago Alvite

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.
